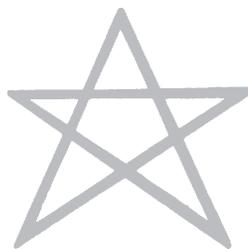


INTRODUÇÃO

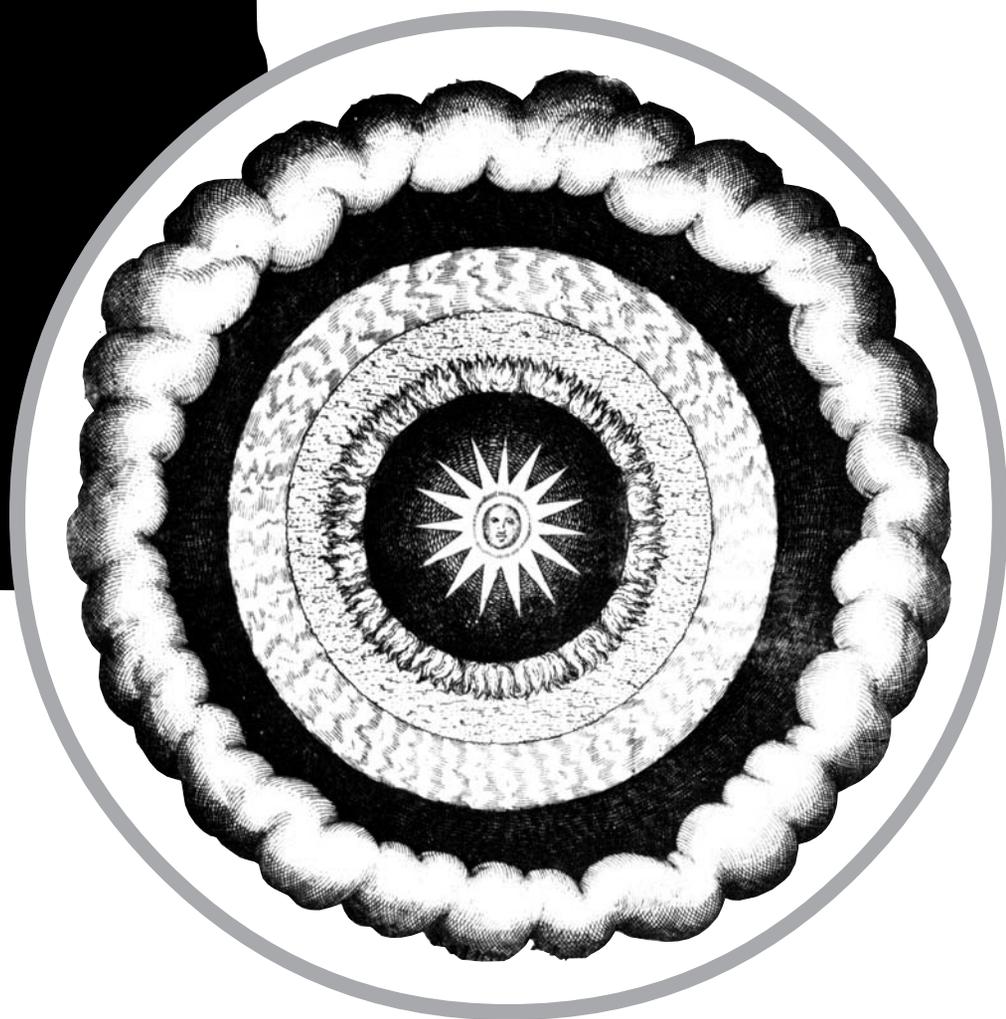
O TERMO "ESOTÉRICO" ATUALMENTE É UTILIZADO PARA NOMEAR UMA EXTENSA GAMA DE PRÁTICAS INCLUINDO SISTEMAS DIVINATÓRIOS, PROPOSTAS DE AUTO-AJUDA, TÉCNICAS DE RELAXAMENTO E MEDITAÇÃO, CELEBRAÇÕES E RITUAIS COLETIVOS, TERAPIAS DE INSPIRAÇÃO ORIENTAL E MUITAS OUTRAS MODALIDADES.

NA REALIDADE ESSE TERMO NÃO É ADEQUADO PARA DESCREVER PRÁTICAS TÃO VARIADAS COMO CONSULTAS AO TARÔ, I-CHING, RUNAS; APLICAÇÃO DE MASSA-



JOSÉ GUILHERME CANTOR MAGNANI

O NEO-ESOTERISMO NA CIDADE



**JOSÉ GUILHERME
CANTOR MAGNANI**
é professor de
Antropologia da
FFLCH-USP.

*Ilustração
do século XVIII
representando
os chacras do
corpo sutil*

gem ayurvédica, do-in, shiatsu; exercícios de yoga, tai-chi-chuan, liangong; sessões xamânicas, rituais de prosperidade, sem esquecer, é claro, o consumo de incenso e a crença em duendes. No campo das religiões e sistemas iniciáticos, *esotérico* tem uma aplicação bastante precisa: designa aqueles ritos ou elementos doutrinários reservados a membros admitidos em um círculo mais restrito; *exotérica* é a parte pública do corpo cerimonial e dos ensinamentos.

Aliás, alguns adeptos e praticantes rejeitam com veemência o epíteto, preferindo “práticas alternativas”, “misticismo”, “Nova Era”; muitos, porém, usam a designação *esotérico* no próprio nome dos estabelecimentos, nos folhetos de divulgação e programas das atividades, e a mídia terminou por generalizar o termo. Na falta ainda de uma conceituação mais adequada, mantenho a palavra antecedida do prefixo *neo* com o propósito de diferenciá-la do uso mais tradicional.

As tentativas de entendimento desse fenômeno – cuja complexidade e imprecisão, como se vê, aparecem já na própria forma de ser nomeado – listam, como fatores explicativos, a crise contemporânea de valores, o processo de “reencantamento” do mundo, a fragmentação do mercado religioso, o debilitamento das igrejas tradicionais e conseqüente busca de uma nova espiritualidade ajustada à lógica da sociedade pós-industrial (1).

A perspectiva da pesquisa que está na base deste texto, porém, é outra. Desloca o foco das chamadas práticas neo-esotéricas em si (origens, funções, causas de sua proliferação) para as relações que estabelecem com a cidade – com a paisagem, o ritmo, as instituições e a dinâmica urbanas.

A pergunta inicial, que deu motivo à série de pesquisas sobre o neo-esoterismo (2), foi suscitada por uma constatação empírica: a presença, em diferentes contextos da cidade – praças, *shopping-centers*, viadutos do centro, lojas em bairros de classe média –, de atividades e práticas que se supunha serem realizadas em recintos fechados, e de forma privada. Afinal de contas, tais atividades diziam respeito a indagações sobre o futuro, tratavam com o destino, a saúde e a felicidade do consulente – ou ao menos era o que seus

oficiantes apregoavam. E, no entanto, eram realizadas em locais públicos, à vista de todos ou em contextos pouco afeitos ao mistério e ao recolhimento, como era o caso das “feiras místicas” em *shopping-centers*.

Observando mais de perto o fenômeno, verificou-se ademais que além desta surpreendente visibilidade mudara também seu sistema de funcionamento: a maneira como tais serviços estavam sendo oferecidos contrastava com o estilo tradicional – o da cartomante atendendo em sua casa, ou do adivinho no recesso de uma sala escura e forrada de objetos cabalísticos.

Agora é diferente: a leitura das cartas, a interpretação do I-Ching, o alinhamento dos chakras, a prática de yoga, a aplicação do do-in e outras tantas atividades que integram, de uma forma genérica, o caldeirão das práticas neo-esotéricas finalmente modernizaram-se. Seus praticantes não desdenham equipamentos, condições e técnicas – computação, *marketing*, terceirização – comuns a qualquer das atividades de prestação de serviços nos grandes centros urbanos. O neo-esoterismo virou empreendimento empresarial!

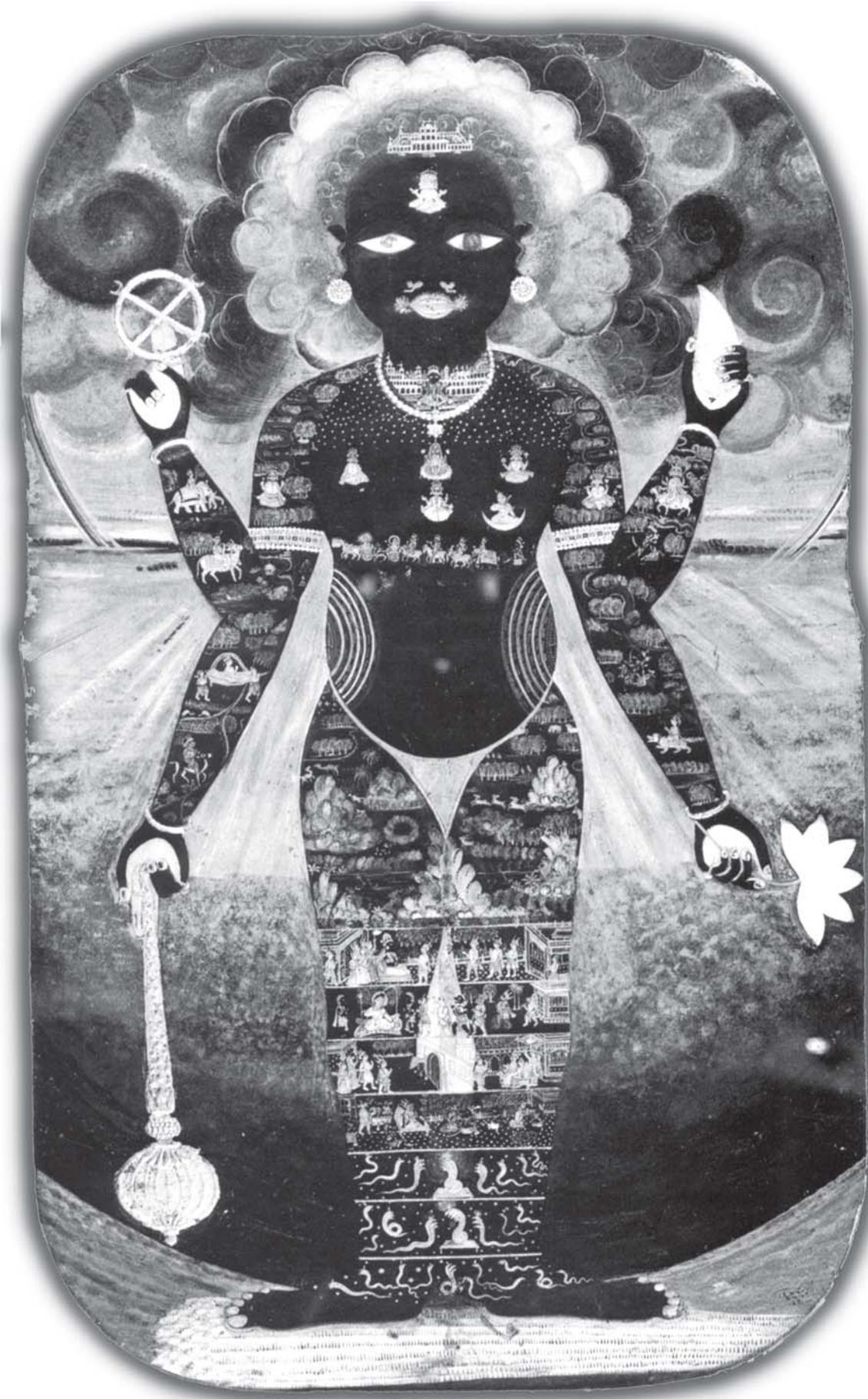
Daí à fácil e ligeira conclusão de que – *et pour cause* – degenerou-se em mero modismo consumista, ou perdeu a suposta eficácia, charme e mistério, foi um passo. A questão, porém, que permanecia, para além dessa apreciação superficial, era sobre o alcance do reconhecido *boom* do neo-esoterismo e seu processo de transformação tanto na paisagem urbana como no comportamento das pessoas.

Tratava-se de identificar os estilos e formas de implantação espacial das práticas neo-esotéricas na cidade, avaliar o grau de transformação sofrida em contato com instituições típicas da metrópole e verificar se sua disseminação chegava a inaugurar um estilo de vida claramente reconhecido – com padrões de consumo e de sociabilidade particulares.

Tendo em vista, porém, a notável heterogeneidade que caracteriza esse campo, foi preciso antes de mais nada estabelecer alguma ordem, e o que este trabalho pretende é mostrar algo desse universo na cidade de São Paulo, começando pelo *mapeamento* das práticas que o constituem, em seguida, por uma primeira tentativa de

1 Ver: Moreira e Zicman, 1994; Bingemer, 1992; Soares, 1989; Terrín, 1996, entre outros.

2 Os *Pedaços Sagrados da Cidade* (1991-92) e *Sob Nova Direção: Práticas Mágico-esotéricas na Cidade* (1993-94), CNPq.



classificação, levantamento do *calendário* e, finalmente, análise de algumas características mais marcantes.

I – O MAPEAMENTO

A primeira providência da pesquisa foi elaborar uma listagem das instituições, espaços, associações, núcleos, centros e lojas dedicados às diversas práticas neo-esotéricas. Tal listagem – que reuniu mais de 1.000 endereços – foi obtida a partir de informações contidas nas seguintes publicações: 55 edições (anos 1990, 1991) do semanário dominical *Shopping News* que mantinha uma coluna, “Vida Alternativa”, com temas e anúncios de serviços na área do esoterismo (3); item “Esotéricos” dos classificados do suplemento semanal “São Paulo” da revista *Veja* (de março de 1990 a maio de 1992); revista *Agenda Alternativa* (julho, agosto, outubro de 1991; fevereiro, abril, maio, junho de 1992).

Outra fonte de informações foi o próprio trabalho de campo que permitiu registrar endereços a partir dos folhetos, prospectos, cartazes, agendas e cartões-de-visita nos diferentes espaços visitados.

Existia, evidentemente, uma clara “contaminação” decorrente das características das principais fontes de informação de onde foi obtida parte desses dados – revistas e periódicos consumidos em certas regiões da cidade (era o caso do *Shopping News*) ou voltados para determinado público (revista *Veja*). Como registrar, por exemplo, a ocorrência daquelas práticas junto a segmentos da população, em bairros afastados, não atingidos por aqueles órgãos de informação? Ou não atingidos por qualquer outro órgão da mídia escrita? Tal circunstância, contudo, não afetava os propósitos do estudo pois o que se pretendia era apreender justamente aquelas formas de oferta e consumo de bens e serviços neo-esotéricos que, entre outras características, utilizam os meios de comunicação como recurso de divulgação, no contexto urbano.

Com relação à ocorrência de outras práticas de cunho mágico-religioso, em bairros da periferia, tem-se a hipótese de que sua forma é mais a tradicional, ou seja, aquela em que a

cartomante, a benzedeira, o curandeiro e outros agentes atendem em suas casas ou em lugares de culto religioso. Sem desconsiderar a importância da persistência dessas formas, o que a pesquisa quis registrar é precisamente o surgimento e disseminação de outras modalidades, as abrangidas pela denominação *esotérico*, com seus modelos e estruturas de funcionamento.

Estas, de acordo com levantamentos prévios, ocorrem significativamente em certas regiões do espaço urbano bem servidas de equipamentos e ligadas de maneira geral às camadas médias da população; assumem formatos característicos, tanto no que diz respeito à edificação e às normas de organização e de gerência como à forma de implantação no mapa da cidade (4).

A listagem obtida constituiu uma primeira aproximação que, evidentemente, precisava ser trabalhada até constituir uma peça mais confiável. Após uma série de revisões chegou-se ao número de 842 endereços, resultado que está longe de ser definitivo: cabe observar que este é um trabalho contínuo pois alguns desses espaços surgem e desaparecem muito rapidamente: a lista precisa ser atualizada constantemente.

Não se trata, contudo, de uma tarefa meramente burocrática, pois o manuseio da listagem permite identificar aquelas instituições de maior tradição – e as de fôlego curto – assim como também acompanhar os movimentos e tendências dessa mancha no mapa da cidade. Por outro lado, a contínua checagem da lista possibilita assinalar o momento de fechamento do *corpus*, ou seja, quando as informações (referentes às instituições agrupadas no interior dos itens classificatórios) começam a repetir-se é sinal que o universo construído a partir de fontes abertas (as séries, mesmo incompletas, de publicações) começa também a mostrar seu perfil definitivo; novos endereços constituiriam meros acréscimos a um núcleo sólido, já delineado, ou então permitiriam observar tendências tendo como referência esse núcleo.

Com o propósito de transpor para o mapa da cidade de São Paulo as informações de endereçário, de forma a delinear a mancha do neo-esoterismo, foi necessário proceder a um

3 Publicação dominical distribuída gratuitamente nos domicílios da região central da cidade que na época do levantamento apresentava quatro cadernos, mais dois suplementos (trinta páginas no total) contendo informações, temas e matérias variadas sobre urbanismo, saúde, moda, comportamento, ecologia, turismo, compras, com destaque para a cidade de São Paulo.

4 Não é desprovido de significação o uso da expressão “práticas esotéricas” quando referidas àquelas práticas que nesta pesquisa compõem o amplo quadro do objeto de investigação, em contraste com “práticas mágico-religiosas” empregada para descrever o outro conjunto, o dos rituais e crenças mais ligados à população dos bairros de periferia. Neste caso, é a tradição de origem rural e a presença de determinadas religiões – catolicismo popular, seitas evangélicas, cultos afro-brasileiros – que compõem o quadro onde se nutrem e de onde basicamente tiram seus elementos os agentes das práticas mágico-religiosas. No caso das práticas esotéricas, outras são as fontes de inspiração, como se verá: religiões orientais, ocultismo, movimento Nova Era, etc.

reagrupamento, uma vez que a divisão em bairros tal como aparece na listagem não coincide com a dos distritos usada pela Secretaria das Administrações Regionais da Prefeitura do Município de São Paulo. Foram estabelecidos três cortes, agrupando os diferentes distritos de acordo com o número de ocorrências de espaços dedicados ao neo-esoterismo: Vila Mariana (103 espaços), Pinheiros (86), Jardins (84) e Perdizes (61) constituem o primeiro grupo, constituindo o núcleo mais denso da mancha.

Em seguida vêm Moema (47), Campo Belo (40), Itaim Bibi (35), Santana (30), Consolação (26), Saúde (22), Santo Amaro (20), Ipiranga (19), Sé (19), República (18) e Bela Vista (18). Constituem o anel intermediário da mancha.

Jabaquara (15), Lapa (14), Liberdade (14), Tatuapé (11), Mooca (10), Santa Cecília (8), Belém (7), Butantã (6), Cambuci (6), Cidade Ademar (6), Vila Prudente (6), Morumbi (5), Alto de Pinheiros (4), Raposo Tavares (4) e Vila Sônia (4) formam o último grupo, desprezando-se, para efeitos de consignar no mapa, os demais bairros com ocorrências inferiores a três espaços.

É interessante observar que o núcleo da mancha não cobre propriamente o centro da cidade, mas quatro bairros – Perdizes, Pinheiros (direção oeste), Jardins, Vila Mariana (direção sul), caracterizados como bairros de classe média e média-alta, amplamente providos de serviços e equipamentos urbanos. O anel que circunda esse núcleo abrange o centro (Sé, Consolação, República) mais alguns bairros antigos (Ipiranga, Bela Vista) e outros – Moema, Campo Belo, Itaim Bibi, também de classe média e média-alta.

II-O SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

Com a finalidade de ir além da mera distribuição geográfica e introduzir alguma ordem frente à realidade marcada pela heterogeneidade de propósitos, crenças e rituais, que caracteriza o universo do neo-esoterismo, os espaços levantados foram submetidos a uma primeira e provisória classificação levando-se em consideração os objeti-

vos a que se dedicam, as normas de funcionamento interno, o produto que oferecem. Desta forma foram construídos cinco grupos:

Grupo I – Instituições filosófico-espiritualistas: caracterizam-se por apresentar um corpo doutrinário próprio, ritualística e níveis de iniciação. Possuem hierarquia interna, distinguindo ao menos entre grupo de seguidores e mestre/dirigente; os vínculos que estabelecem aproximam-se dos de tipo religioso. Muitas delas são filiais, adaptações ou criações locais inspiradas em instituições com sede ou origem no exterior. Fazem parte deste grupo, entre outras, as seguintes instituições: Sociedade Brasileira de Eubiose (até 1969 denominada Sociedade Teosófica Brasileira); Fraternidade Pax Universal; Sociedade Antroposófica; Sociedade Internacional da Consciência de Krishna; Sociedade Teosófica no Brasil; Rosa Cruz Amorç; Sociedade Internacional Rosacruz Áurea; Círculo Esotérico Comunhão do Pensamento.

Grupo II – Centros integrados: são espaços que reúnem e organizam, de forma criativa, várias atividades, como práticas divinatórias, terapias variadas, cursos de formação, venda de produtos, vivências coletivas. Não apresentam uma doutrina própria nem seguem um conjunto rígido de dogmas ainda que não deixem de fundamentar suas escolhas através de um discurso mais ou menos coerente que pode combinar várias tradições religiosas, filosófico-ocultistas, gnósticas, etc. Gerenciados em moldes empresariais – muitos deles são microempresas –, têm como base o trabalho de profissionais da casa (geralmente são os proprietários), mas abrem espaço para atuação permanente ou esporádica de pessoal de fora. Centro Visvaram; Espaço Reviver; Instituto Avalon; Renascer-Espaço de Reeducação Holística; Associação Palas Athena; Sol Sirius-Espaço Holístico; Zeta 1 – Núcleo de Expansão Pessoal; Watam-Oficina Esotérica, entre outros, integram o Grupo II.

Grupo III – Centros especializados: incluem associações, institutos, escolas, academias e clínicas voltados para pesquisa e ensino de temas neo-esotéricos, treinamento e/ou aplicação de técnicas específicas (dança, artes-marciais, práticas terapêuticas como

acupuntura, massagens, etc.). Podem comportar mais de uma atividade mas a principal é que dá o nome: “Associação Nacional de Acupuntura”; “Centro Paulista de Biodança”, etc. Exemplos: Associação Paulista de Tai-chi-chuan; Ceata – Centro de Estudos de Acupuntura e Terapias Alternativas; Centro de Eventos Educacionais e de Autoconhecimento; Centro de Kenko Shioda – massagem quiroprática; Centro Nacional de Numerologia; Cepek – Centro de Pesquisas e Estudos Kirlian; Escola Gea-Astrologia; Instituto Internacional de Projeziologia.

Grupo IV – Espaços individualizados: são aqueles onde se oferecem uma ou mais modalidades de práticas neo-esotéricas, a cargo de uma ou várias pessoas, mas sem identificação ou nome especial. Não apresentam uma proposta ou arranjo específico no interior do universo do neo-esoterismo, nem organização gerencial, mas uso comum das instalações, quando se trata de mais de um profissional. Abrangem desde a conhecida cartomante ou massagista que atendem em suas casas até eruditos autodidatas para os quais o conhecimento na área não é exercido como meio de vida. Exemplos: “Faz-se mapa astrológico: Marlene”; “Liu Chi Ming, José Domingos Resende: Acupuntura e massagem”; “Lydia Vainer, astrologia e Valéria Pasta, reflexologia”; “Michelle e Henri Feldon: cura através dos chakras”; “Pela primeira vez nesta cidade: Dona Laura, búzios e tarô”; “Prof^ª Milena: Astrologia, Grafologia, Búzios e Tarô”; “Quirologia, consultas individuais com Celi Coutinho”; “Tânia e Mauro: Shiatsu”.

Grupo V – Pontos de venda: em virtude de seu caráter claramente comercial, são os que mantêm com o universo do neo-esoterismo uma relação mais pragmática que doutrinária. Apesar dessa característica não se pode descartar, em muitos desses espaços, um genuíno interesse de seus proprietários ou funcionários pelos aspectos filosófico-espirituais dos produtos vendidos e também pelos compradores, que se manifesta na forma de aconselhamento e orientação de uso. São constituídos por livrarias, farmácias homeopáticas ou de ervas, empresas como agências de turismo eco-esotérico e produtoras de eventos, entrepostos de alimentos e produtos

de higiene e perfumaria “naturais”, lojas de comercialização de imagens de duendes, incenso, ornamentos, talismãs, fitas de música *new age*, etc. Exemplos: Almofariz Farmácia; Amuletos Astrológicos; Edlamar Moustafah: tendas árabes para feiras místicas; Forma e Magia, ateliê esotérico; Jair de Oliveira Produtos Naturais; New Age Viagens e Turismo; Sankar Sana – distribuidora de artigos indianos; Zipak Livraria.

III-O CALENDÁRIO

Terceiro momento na busca de identificar padrões recorrentes que subjazem à heterogeneidade das práticas neo-esotéricas, a descoberta de uma regularidade nas atividades desenvolvidas nos espaços estudados veio a mostrar que tais práticas pontuam de forma sistemática o cotidiano de seus seguidores. Algumas vivências e celebrações, longe de serem aleatórias ou episódicas, distribuem-se de forma regular e cíclica durante o ano, constituindo, por conseguinte, uma espécie de “calendário neo-esotérico”. A pesquisa permitiu distinguir atividades e eventos anuais, mensais, de férias, semanais, de fim de semana e cotidianas. As práticas anuais dividem-se em três tipos:

a) as que se acoplam a determinadas datas do calendário religioso católico e do calendário civil – Natal, Primeiro de Ano, Dia da Padroeira do Brasil – dando-lhes, porém, novos conteúdos:

“Neste Natal, dê um presente criativo! Você só precisa nos passar os dados de nascimento da pessoa e ela receberá: um mapa astrológico indiano; uma fita gravada com a interpretação; recomendação de pedras específicas para a pessoa” (Instituto Ratna de Cultura Indiana).

b) as que propõem novos eventos, como as celebrações de solstício de verão e de inverno, equinócio de primavera e outono:

“Junto com a entrada do Outono, vamos celebrar o Ano Novo Astrológico. Um ritual alegre onde você vai conhecer as previsões para o próximo ano, assimilar os ensinamentos do último ciclo e se reprogramar para o pró-

ximo. Traga flores e frutos. Grátis” (Espaço Aruna Yoga).

c) as que re-significam datas comerciais como o Dia dos Pais, das Mães – enfatizando, é claro, outras conotações – e ampliam o significado de outras, até algum tempo pouco conhecidas como a festa de *Halloween*. Esta última, por exemplo, é celebrada não tanto por suas evocações lúdicas mas por uma revalorização da bruxaria enquanto manifestação do poder feminino:

“O caminho de Morgana: A religião feminina e a teologia da Mãe Terra; a bruxaria, o neopaganismo e o culto da Deusa no mundo atual; lançamento do livro de Márcia Frazão, ‘Revelações de uma Bruxa’; poemas e contos da tradição celta, cantos celtas e cantigas mágicas das bruxas” (Alemdalenda).

As principais práticas de periodicidade mensal detectadas pela pesquisa foram as celebrações ligadas às fases da lua, com especial predileção pela Lua Cheia.

“Nas noites de Lua Cheia, todos os meses, o Instituto Nyingma do Brasil realiza uma cerimônia de canto de mantra, das 20h00 às 21h30. Atividade aberta ao público. Sugerimos que se ofereçam frutas, flores, velas ou incenso”;

“Meditação da Lua Cheia: Reunião pela harmonia, paz e amor entre os homens. As reuniões de 1995 já têm datas e horários marcados. Consulte-nos e chegue com 15 minutos antes do horário, por favor” (Triom – Centro de Estudos Marina e Martin Harvey).

Por ocasião das férias escolares e nos meses de verão os espaços esotéricos oferecem pacotes de viagens nacionais e internacionais para São Thomé das Letras (MG), Chapada dos Veadeiros (GO), Índia, Peru, Espanha e muitos outros lugares constantes de um já tradicional roteiro de excursões eco-esotéricas. A pesquisa participou de uma excursão, promovida pela Agência de Turismo Elo Cultural a São Thomé das Letras.

Aproveitando feriados e fins-de-semana prolongados, é comum a realização de

workshops, retiros, treinamentos intensivos, encontros, vivências. Alguns desses programas supõem a realização de viagens mais curtas. A pesquisa acompanhou uma viagem a Avaré/SP (Diwali – Festival das Luzes, Espaço Aruna Yoga), participou do Festival de Yoga e Meditação, promovido pelo Espaço Ashana Guru Ran (Serra da Cantareira, SP/capital) e registrou as *performances* do evento Spiritware (bairro do Morumbi, SP/capital).

As atividades semanais são as que constituem a programação regular e rotineira dos espaços e instituições, como cursos, aprendizado e treinamento de técnicas específicas, sessões de terapia.

As atividades de fim-de-semana são as destinadas a atrair público para a programação regular dos espaços. Trata-se geralmente de atividades pontuais, gratuitas, constituindo ocasião propícia para divulgar os produtos da casa, estabelecer contato entre novos e antigos membros, estreitar vínculos de sociabilidade. Trata-se em geral de palestras, demonstrações de técnicas e métodos terapêuticos, projeção de vídeos, lançamentos de livros, concertos.

As atividades cotidianas são aquelas que os seguidores desenvolvem em sua vida diária, em casa, na dieta alimentar, nos cuidados com o corpo, saúde, devoção etc. Incluem o uso de incenso, prática de meditação, desfrute da música (*new age*, *world*, étnica, etc.), técnicas de relaxamento e automassagem, leituras, rituais privados. Não foram objeto de observação durante a pesquisa. No entanto, alguns espaços não deixam esse segmento passar em branco:

“Novidade! Meio-dia esotérico: Palestras de 45 minutos para você aproveitar sua hora de almoço! Para participar, não é preciso fazer reserva: as vagas são das primeiras pessoas que chegarem. Sempre às 12h15. Veja os temas das palestras, assinalados com * ” (DéjàVu – Espaço Esotérico, R. Peixoto Gomide, 449, Cerqueira César).

Este calendário – aqui mais sugerido do que plenamente identificado – não constitui uma marcação do tempo hermética e exclusiva de supostos seguidores de seitas *esotéricas*,

no sentido mais técnico do termo. Na realidade, é uma pontuação pública, sobreposta ou alternativa a outros calendários, que recupera outros sistemas de classificação para estabelecer cortes significativos no fluxo da vida cotidiana. Mudanças no ciclo da natureza, nem sempre perceptíveis no ambiente de grandes centros urbanos, como as fases lunares e o ciclo das estações, são especialmente enfatizadas.

Essas mudanças são vistas e vividas como ocasiões para expressão de emoções correspondentes. “Na verdade estamos ainda no final do ciclo do inverno, que representa um mergulho para dentro. É a *inspiração*, ao contrário da primavera, que é *expiração*” (Valmira, Espaço Kiokawa Cultural). As vivências realizadas nessas ocasiões – quando a festa é da primavera, por exemplo, há sempre muitas flores, frutas, roupas claras e coloridas, música apropriada (Vivaldi é sempre um *hit*) – são sentidas como recuperação ou reelaboração de (supostos) antigos ritos.

CONCLUSÃO

O mapeamento, a classificação e o calendário das práticas neo-esotéricas na cidade de São Paulo – etapas de uma pesquisa em busca de um primeiro ordenamento nesse heterogêneo e aparentemente desconcertante universo – apontam na direção da hipótese central do estudo, cujo objetivo é:

“[...] identificar e analisar a emergência de padrões de comportamento que, como hipótese, começam a caracterizar significativamente a oferta e procura de bens na área das práticas mágico-esotéricas no contexto das grandes cidades, instituindo modos ou estilos de vida diferenciados. De ‘alternativas’, essas práticas passam cada vez mais a disputar e ocupar um espaço visível e legítimo, organizando-se, para tanto, em moldes empresariais, procurando alianças com outras insti-

tuições já estabelecidas e buscando um discurso de fundamentação próprio” (Projeto de Pesquisa *Sob Nova Direção: Práticas Mágico-Religiosas na Cidade*, 1992, pp. 6-7) .

Não há como negar, é bem verdade, as marcas de modismo e consumismo que cercam o fenômeno, perceptíveis nos sucessos de venda de alguns de seus produtos e visíveis nos adesivos do tipo “eu acredito em duendes”. O que a pesquisa vem perseguindo, entretanto, é distinguir os diferentes níveis de participação nesse universo: se, de um lado, o aspecto mais marcadamente comercial do neo-esoterismo produz e tem como alvo um consumidor ingênuo e indiscriminado, de outro é possível identificar o adepto dessa ou daquela corrente, sofisticado e esclarecido.

Entre esses dois pólos vai-se constituindo um público formado por padrões regulares de consumo (certo tipo de música, de livros, de objetos), que cultiva hábitos alimentares tidos como saudáveis e “naturais”, que está preocupado e despende tempo e recursos com práticas destinadas ao desenvolvimento harmônico de corpo e espírito dentro de uma visão “holística”, e que exercita sua espiritualidade fora das igrejas e ritos convencionais.

Não cabia, nos limites do presente texto – dedicado mais a um panorama geral –, detalhar as características do processo e descrever o perfil de seu público. Fica claro, entretanto, que é naqueles espaços – objeto do mapeamento e classificação já mostrados – que tais padrões estão sendo elaborados e sedimentados.

Lugares de divulgação de conhecimentos específicos, de aprendizado de técnicas, oferecimento de terapias, realização de rituais ou vivências e até mesmo de encontro, sociabilidade e lazer, reúnem pessoas que se descobrem buscadoras de novas respostas e que já não são vistas como portadoras de um comportamento excêntrico, mas de um *estilo de vida* peculiar e bem definido no contexto da cidade

BIBLIOGRAFIA

- BINGEMER, Maria Clara (org.). *O Impacto da Modernidade sobre a Religião*. São Paulo, Loyola, 1992.
- FERGUSON, Marilyn. *A Conspiração Aquariana: Transformações Pessoais e Sociais nos Anos 80*. Rio de Janeiro, Record, 1995.
- MOREIRA, A. e ZICMAN, R. (orgs.). *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis, Vozes/Ifan, 1994.
- TERRIN, Aldo Natale. *Nova Era: a Religiosidade do Pós-moderno*. São Paulo, Loyola, 1996.